Instituto de Educação Infantil e Juvenil 9º ANO

_____, 2019. Londrina, _____ de _____

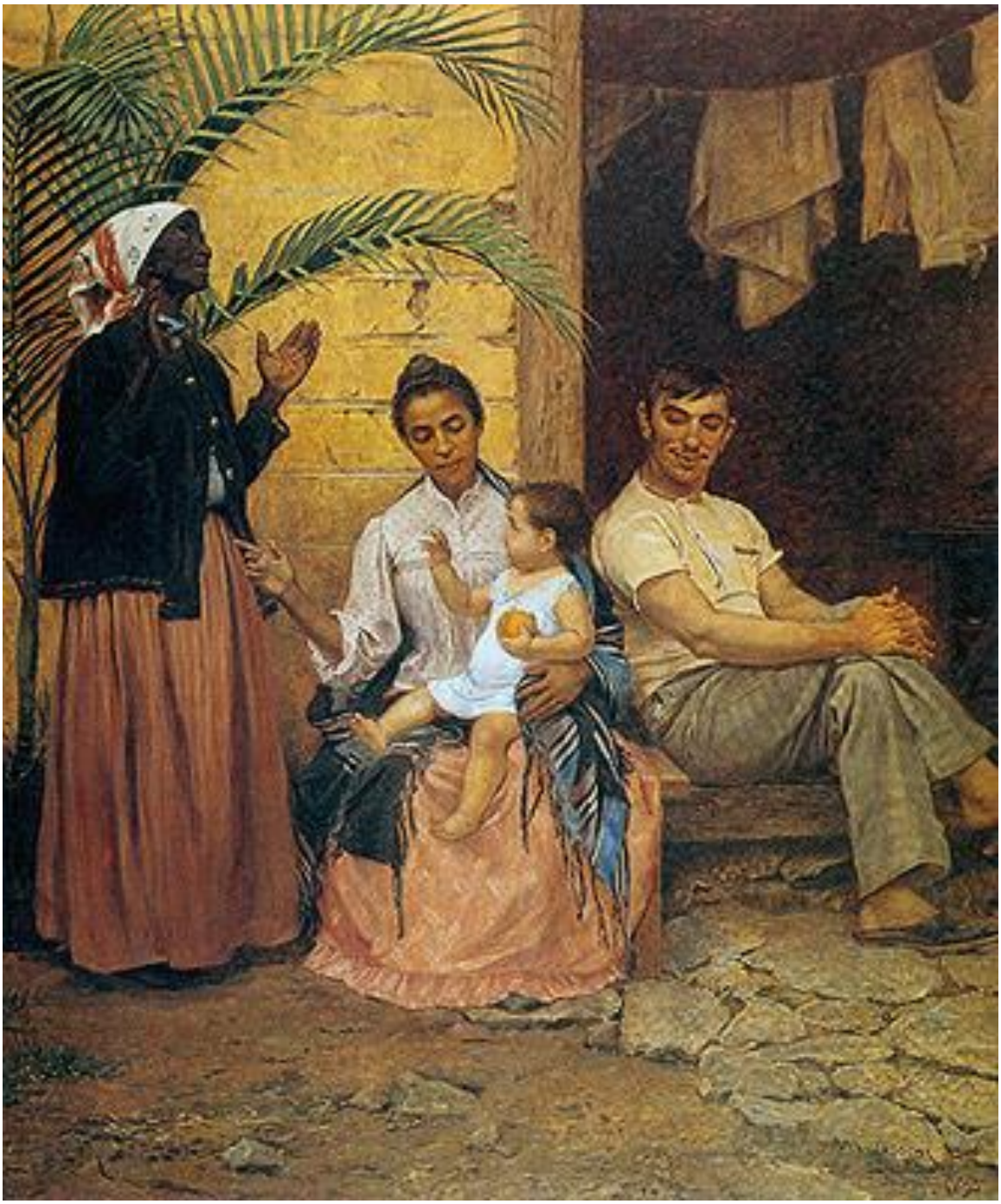
Nome: _____

Tempo Início: _____ Término: _____ Total: _____

Área do Conhecimento: História Professor: Luis Filipe Negrão de Souza

RACISMO NO INÍCIO DO PERÍODO REPUBLICANO NO BRASIL

Observe a imagem e leia os textos abaixo. A seguir, faça o que se pede.



A Redenção de Cam, Modesto Brocos, 1895

A maldição sobre Cam e a sua redenção

O título do quadro remete ao mito bíblico da maldição lançada por Noé sobre seu filho Cam (ou Cã). Diz a história que Noé dormiu embriagado de vinho. Cam, seu filho, expôs a nudez do pai aos irmãos como zombaria. Ao acordar, o pai então amaldiçoou Canaã, filho de Cam, a ser "servo dos servos". Há inclusive versões que descrevem Canaã e os descendentes de Cam como negros. "O contexto de difusão do mito bíblico sobre a maldição de Noé é o do início da chamada Era Moderna, quando a cristandade europeia buscava formas de justificar a escravização de habitantes do continente africano, sob o marco do cristianismo", diz Lotierzo.

O mito é reinterpretado por Brocos que aponta, seguindo as teorias da sua época, que a salvação – ou "redenção" – dos descendentes de Cam se daria por meio da sua extinção, por efeito do branqueamento. "Uma das associações que aparecem com mais frequência na imprensa do período, em textos escritos por intelectuais renomados, como Olavo Bilac e Coelho Neto, entre outros, é justamente a da morte como redenção, para as pessoas negras. São textos de muita violência, pois concebem que a extinção dessas pessoas – inclusive pela via do embranquecimento – é o caminho para a emancipação", diz a autora. "O quadro de Brocos, ao apelar para a ideia de redenção, faz a mesma coisa. É sem dúvida uma tela racista e concordo plenamente com os autores que a definem como preconceituosa. Creio que entender como a pintura mobiliza suas ferramentas para reforçar esse tipo de argumento é importante, pois ajuda a ver como outras imagens podem fazer uso próprio das mesmas ferramentas, sinalizando caminhos de ruptura crítica frente ao racismo." Tatiana Lotierzo Lendo o quadro

O quadro, que "remete à imagística cristã da natividade", mostra, da esquerda para direita, uma senhora negra, descalça sobre um chão de terra, que ergue as mãos e os olhos aos céus ao lado de uma mulher, provavelmente sua filha, de tom de pele mais claro, que segura seu bebê, branco, no colo. E um homem branco à sua direita.

As três personagens representariam as três gerações necessárias para que o Brasil se tornasse um país branco.O homem branco à direita, ao que tudo indica, o marido da mulher ao centro e pai da criança, olha para o menino com admiração. Ele é o elo que permite o branqueamento completo dos descendentes da senhora, possivelmente ex-escrava e, assim, a sua salvação. Para Lotierzo, Brocos "faz uso de um mecanismo perverso ao tentar atribuir um voluntarismo às mulheres negras como agentes do embranquecimento, como se elas estivessem celebrando essa possibilidade".

Fonte: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/06/14/A-tela-%E2%80%98A-Reden%C3%A7%C3%A3o-de-Cam%E2%80%99.-E-a-tese-do-branqueamento-no-Brasil

RACISMO E EXCLUSÃO SOCIAL: AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL APÓS A ABOLIÇÃO.

A Lei Áurea (1888) estabeleceu o fim imediato e definitivo da escravidão no Brasil. Porém, não lidou com um problema seríssimo para a população negra brasileira: a inserção social. Essa legislação simplesmente não apontou nenhuma garantia de medidas estatais que estabelecessem uma inclusão plena dos recém-libertos no seio da sociedade brasileira. Com isso, situações precárias e humilhantes continuaram a ser enfrentadas por esse segmento da população mesmo com o fim do regime escravista.

Esse fato foi bastante alimentado pela força de teorias pseudo-científicas e racistas, as quais estavam "na moda" tanto no Brasil quanto na Europa no final do século XIX e início do XX. Tais terorias buscavam provar a partir de métodos científicos uma suposta hierarquia entre as "raças" em que a humanidade estaria dividida. As "raças" eram definidas a partir de critérios como tamanho do crânio e da arcada dentária e essa divisão criava grupos superiores ou inferiores uns aos outros. A "raça ariana" (branca) era vista como o nível máximo de humanidade, tanto em questões físicas, como culturais, históricas e de "civilização". Dessa forma, naquele período essas ideias contribuíam para que as pessoas pensassem que para um país conseguisse se desenvolver, a maior parte de sua população deveria ser branca.

Esse, porém, não era o caso do Brasil. No final do século XIX e início do século XX, a maioria da população brasileira era composta por negros ou mestiços. Influenciados pelas teorias racistas já citadas, vários "intelectuais" e políticos brasileiros da época passaram a defender uma política de

“embranquecimento” do povo brasileiro. Vistos como sinal de atraso e “selvageria”, os negros deveriam ceder espaço aos imigrantes europeus que chegavam aos milhares nesse período. Dessa forma, era visível o preconceito existente na sociedade brasileira da época e tal contexto foi fundamental para a exclusão social da população negra no Brasil.

IMPRENSA NEGRA CONTRA AS TEORIAS RACISTAS

No final do século XIX e início do século XX, eram comuns no Brasil ideias pseudo-científicas e racistas que defendiam o “embranquecimento” da população brasileira como forma de levar o país rumo à “civilização”. Assim, podemos encontrar algumas citações em que tais ideias se fazem bem explícitas, como, por exemplo, nesse trecho da obra “Populações Meridionais do Brasil”, de Oliveira Viana, lançada em 1918:

“Os preconceitos de cor e sangue que reinam tão soberanamente na sociedade [...] têm, destarte, uma função verdadeiramente providencial. São admiráveis aparelhos seletivos que impedem a ascensão até as classes dirigentes desses mestiços inferiores, que formigam nas subcamadas da população [...]”

Porém, tais ideias preconceituosas não eram aceitas por todos. A oposição a essas teorias era exposta pelos próprios negros em veículos de imprensa como *O Progresso – órgam dos homens de cor,* fundado na cidade de São Paulo, em 1899. Em uma de suas matérias, do dia 24 de Agosto de 1899, pode ser lido o seguinte:

“Esperávamos nós, os negros, que, finalmente, ia desaparecer para sempre de nossa pátria o estúpido preconceito e que os brancos, empunhando a bandeira da igualdade e fraternidade, entrassem em franco convívio com os pretos, excluindo apenas os de mau comportamento, o que seria justíssimo. Qual não foi, porém a nossa decepção ao vermos que o idiota preconceito em vez de diminuir cresce; que os filhos dos pretos, que antigamente eram recebidos nas escolas públicas, são hoje recusados nos grupos escolares; e que os soldados pretos que nos campos de batalha têm dado provas de heroísmo, são postos oficialmente abaixo do nível de seus camaradas; que para os salões e reuniões de certa importância, muito de propósito não é convidado um só negro, por maiores que sejam seus merecimentos; que os poderes públicos, em vez de curar do adiantamento dos pretos, atiram-nos à margem, como coisa imprestável?”

O Progresso – Orgam dos Homens de Côr. São Paulo, Typografia Soler, n. 1, 24 de agosto de 1899 (Sessão de Obras Raras, Biblioteca Nacional), p. 3. IN: PINTO, Ana Flávia Magalhães. Democracia Racial em nome do Progresso da Pátria – Jornais negros na São Paulo do fim do século XIX. Em tempos de Histórias. Brasília. n.13. pp.17-40. 2008. Disponível em: http://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/viewFile/3342/2923. Acesso em: 04 Set. 2018

Muitos negros simplesmente não conseguiam empregos após conquistarem a liberdade pela preferência (motivada pelo racismo) de muitos empregadores em relação aos imigrantes brancos europeus. Além disso, o acesso à educação e à saúde também eram extremamente complicados para esse segmento da população, o que dificultava ainda mais sua inserção social. A população negra ainda teve que enfrentar a destruição de moradias populares em grandes cidade como o Rio de Janeiro no processo de urbanização e "embelezamento" desses centros urbanos no final do século XIX e início do XX. É nesse contexto que vão sendo construídas milhares de casas nas encostas dos morros cariocas, constituindo as primeiras favelas em zonas mais afastadas do centro da cidade. Excluídos socialmente, os negros passavam também a enfrentar uma exclusão geográfica.

Assim, fica evidente nessa conjuntura o quanto a inclusão social da população negra no período pós-abolição foi extremamente prejudicada pelas teorias racistas vigentes na época e também pela falta de políticas governamentais que pudessem garantir pleno acesso dos negros a condições básicas de vida, como saúde, educação, emprego e moradia. Essa realidade influenciou profundamente a situação de discriminação racial e social vivida pela população negra no Brasil ao longo do século XX, com consequências essenciais para o contexto atual dos negros no Brasil. Portanto, muitos dos obstáculos que hoje dificultam uma condição digna de vida para a população negra no Brasil têm suas raízes em realidades marcantes na História do país, como a escravidão, a repressão policial e o preconceito.

Faça um texto de, no mínimo, 10 linhas, em que você explique o contexto de discriminação racial no Brasil no final do século XIX e início do século XX. Seu texto deve conter, necessariamente, referências à obra de Modesto Brocos e também à oposição da população negra ao racismo da época.

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____